



## **Olhares sobre o telejornalismo e a comunidade: o bairro como espaço de cena e o olhar vigilante no SPTV 1<sup>a</sup>. edição<sup>1</sup>**

Edna de Mello Silva<sup>2</sup>

ECA/USP- UNIFIEO

### **Resumo**

Relato sobre a tese defendida pela autora na Escola de Comunicações e Artes de São Paulo/USP, que discutiu a prática do chamado jornalismo comunitário do quadro *SPTV Comunidade*, exibido no telejornal *SPTV 1<sup>a</sup>. edição*, pela *Rede Globo de Televisão*, na tentativa de apreender os discursos vigentes na sociedade que fazem interagir os campos discursivos do jornalismo televisivo e das comunidades.

As reportagens do quadro *SPTV Comunidade* foram analisadas segundo as teorias da análise de discurso e da análise de conteúdo. As Ciências da Linguagem deram suporte às discussões e forneceram as conceituações do marco teórico.

Os estudos de Foucault sobre a sociedade disciplinar e o panóptico, em conjunto com as noções de Maingueneau sobre a cenografia do discurso contribuíram para o entendimento de que os bairros eram apresentados nas reportagens como o espaço de cena dos discursos e que o jornalismo televisivo funcionaria como um ordenador social, disciplinando os lugares de fala e de visibilidade das comunidades.

### **Palavras-chave**

Jornalismo comunitário; telejornalismo; comunidade; análise de discurso; análise de conteúdo

A pesquisa que deu base à tese intitulada *Telejornalismo e comunidade: o bairro como espaço de cena e o olhar vigilante do SPTV 1<sup>a</sup>. edição<sup>3</sup>* partiu do pressuposto de que a prática do jornalismo televisivo é feita por discursos e que repórteres e entrevistados atuam no mesmo espaço cênico, compondo um recorte da realidade, editado e configurado para integrar um programa de notícias, dentro da programação de um canal de televisão.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Jornalismo

<sup>2</sup> Professora Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes de São Paulo – USP, jornalista, docente do Centro Universitário UNIFIEO das disciplinas Telejornalismo I e II, orientadora de pesquisas de iniciação científica e pesquisadora de temas ligados às relações de gênero, relações raciais, televisão e comunidade. E-mail: ednamelo@usp.br.

<sup>3</sup> Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Área de concentração Estudos dos Meios e da Produção Midiática, da Escola de Comunicações e Artes de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação, sob orientação da Profa. Dra. Dulcília Helena Schroeder Buitoni. A defesa realizou-se em abril de 2007 e teve como participantes da banca: Profa. Dra. Cicília Peruzzo (UMESP), Profa. Maria Cristina Gobbi (UMESP), Prof. Dr. Laurindo Leal Filho (ECA-USP) e o Prof. Dr. José Luiz Proença (ECA-USP).



O programa analisado foi o telejornal *SPTV 1ª. edição*, exibido pela *Rede Globo de Televisão*, de segunda a sábado, ao meio dia, na região da Grande São Paulo. O diferencial desse noticiário é que ele pretende trazer a vertente do jornalismo comunitário para a televisão.

As pautas desse jornal eletrônico tentam destacar as diferenças sociais e econômicas da cidade de São Paulo e mapear os diversos conflitos latentes que surgem em protestos pela melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, como a procura de vagas nas escolas de ensino fundamental, a busca pelo emprego e a falta de pavimentação em ruas de bairros periféricos.

O telejornal é apresentado pelo âncora Chico Pinheiro e pela jornalista Carla Vilhena. Com uma linguagem descontraída e o ritmo de uma conversa coloquial, as notícias são apresentadas (a maior parte com *links* ao vivo) entremeadas por breves comentários dos apresentadores. Um momento marcante nesse telejornal é o quadro chamado *SPTV Comunidade*. O repórter Márcio Canuto visita os bairros em que são pautados problemas de saneamento básico, carência de obras de infra-estrutura e diversos conflitos ligados ao desenvolvimento de uma cidade em que não houve planejamento urbano. Uma *van* (veículo utilitário) é utilizada para fazer o transporte do repórter e dos entrevistados.

O quadro do *SPTV Comunidade* foi o enfoque principal da pesquisa. Com os instrumentais das Ciências da Linguagem e a aplicação das metodologias da análise de discurso e da análise de conteúdo, esperou-se detectar a presença dos discursos que são dominantes entre os interlocutores presentes nas reportagens, averiguar quais são as comunidades atendidas pelo programa e discutir as práticas jornalísticas utilizadas no noticiário.

O *corpus* da pesquisa foi formado por 30 (trinta) edições do telejornal *SPTV 1ª. edição*, gravados no período de 14/02/2005<sup>4</sup> a 22/03/2005. O critério utilizado para a escolha do período foi o retorno do quadro, dentro da programação do telejornal, e a partir daí, a composição de cinco semanas de programas, que seriam referenciadas para análise correspondendo aos cinco dias de cada semana, numa programação televisiva de segunda à sexta-feira.

A idéia inicial era trabalhar com o método de dois teóricos ingleses, J. Curran e J. Seaton. Esses autores propuseram em uma pesquisa sobre mídia, publicada no

---

<sup>4</sup> O quadro *SPTV Comunidade* teve vários formatos e periodicidade regular no telejornal *SPTV 1ª. edição* a partir de 1997, porém ficou alguns anos fora do ar e retornou ao telejornal *SPTV* como quadro fixo, a partir de 14/02/2005.

livro *Power without responsibility* (1988), o método que seleciona o *corpus* para a análise de jornais diários de acordo com os dias da semana. Desse modo, a amostragem seria composta pelos programas gravados na segunda-feira da primeira semana, da terça-feira da segunda semana e assim por diante. O método de J. Curran e J. Seaton configurou-se inadequado para a composição do *corpus* para análise, em virtude do quadro *SPTV Comunidade* não apresentar regularidade diária na edição do telejornal *SPTV*.

Diante disso, optou-se por utilizar a metodologia da análise de conteúdo com o objetivo de aprofundar os estudos sobre o corpus formado pelos 30 (trinta) programas gravados e a partir da decupagem das reportagens, selecionar os trechos mais elucidativos para trabalhar com a análise do discurso.

As imagens, especialmente na televisão, desempenham um papel significativo na compreensão das notícias e dos discursos. Na impossibilidade de mostrá-las nessa tese, da forma como aparecem em uma exibição de televisão, optou-se por acrescentar às análises algumas fotografias produzidas a partir das imagens veiculadas na tv aberta.

## **O conteúdo do discurso**

Os antecedentes da análise de conteúdo encontram-se nas diversas formas de interpretar os textos como a hermenêutica, a exegese religiosa, a análise literária ou mesmo a psicanálise. Segundo Bardin (1977:14) por trás do discurso geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar.

A análise de conteúdo desenvolveu-se no início do séc. XX nos Estados Unidos. A Escola de Jornalismo de Colúmbia foi a pioneira nos estudos quantitativos dos jornais, originando o que Bardin (1977:14) chama de *‘fascínio pela contagem e pela medida (superfície dos artigos, tamanho dos títulos, localização na página)’*.

A definição de análise de conteúdo dada por Berelson, (apud Bardin, 1977) é:

Uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações.

Bardin (1977:31) avalia que a técnica da análise de conteúdo deve ser reinventada a cada momento, adaptada ao tipo de interpretação que se pretenda:

Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação mais vasto: as comunicações.

A análise de conteúdo foi utilizada na tese (após fichamento e decupagem de cada telejornal do *corpus*) com o intuito de quantificar os bairros visitados pela equipe de reportagem do *SPTV Comunidade*, os problemas levantados nas reportagens, as soluções apresentadas pelos representantes do poder público e o funcionamento geral do quadro.

Outro instrumental utilizado na análise do *corpus* desta tese foi a análise do discurso. A Análise do Discurso parte do pressuposto de que a prática da linguagem, a palavra posta em movimento é um discurso.

Maingueneau (1998:14) avalia que a análise de discurso recebe definições variadas, porém a que se desenvolveu na França, nos anos de 1960, teve uma orientação mais lingüística, marcada pelo marxismo e pela psicanálise:

Julgamos preferível especificar a análise do discursos como a disciplina que, em vez de proceder a uma análise lingüística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica de seu contexto, visa a articular sua enunciação sobre um certo lugar social.

A chamada Escola Francesa de análise do discurso formou-se a partir das pesquisas que emergiram após as publicações da edição no. 13 da revista *Langages*, intitulada “A análise do discurso” e da obra de Michel Pêcheux, “*Analyse automatique du discours*”, ambas de 1969.

Brandão (1995:18) analisa que a análise de discurso francesa preconiza um quadro teórico que alia o lingüístico ao sociológico, em que os conceitos de ideologia de Althusser e o de discurso, de Michel Foucault interagem:

É sob a influência dos trabalhos desses dois teóricos que Pêcheux, um dos estudiosos mais profícuos da AD, elabora os seus conceitos. De Althusser, a influência mais direta se faz a partir do seu trabalho sobre os “Aparelhos Ideológicos de Estado” na conceituação do termo “formação ideológica”. E será da “Arqueologia do Saber” que Pêcheux extrairá a “formação discursiva” da qual a AD se a apropriará, submetendo-a a um trabalho específico.

Foucault em “*A arqueologia do saber*” fundamenta uma teoria para a análise dos discursos que estabelece: a pesquisa do enunciado, das formações discursivas e do

arquivo. A essa teoria Foucault chamou de arqueologia. Para esse autor (Foucault, 1997:32), o enunciado é um acontecimento:

Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação, finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem.

Nesse sentido, pode-se apreender que para Foucault o enunciado pode ser visto como um acontecimento devido à materialidade da escrita ou da fala, mas também a outras formas de registro; à presença de sua singularidade e unicidade, ao mesmo tempo em que permite a repetição, a transformação e a reativação e por último, porque está ligado às situações que o precedem e o sucedem, independentemente da relação causa-efeito.

Os estudos de Maingueneau sobre os discursos constituintes contribuíram para as análises. Para esse autor, discursos constituintes são aqueles que dão sentido aos atos da coletividade, os fiadores de múltiplos gêneros do discurso.

O jornalista às voltas com um debate sobre um problema social recorrerá naturalmente à autoridade do intelectual, do teólogo ou do filósofo. Mas o universo não acontece. Os discursos constituintes possuem assim, um estatuto singular: zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem preponderar sobre todas as outras. (2006: 34)

O conceito de cena de enunciação proposto por Maingueneau (2006: 47) revela que todo discurso possui um lugar e um momento da enunciação que valida a própria instância que permite a sua existência.

O locutor deve dizer construindo o quadro desse dizer, elaborar dispositivos pelos quais o discurso encena seu próprio processo de comunicação, uma encenação que é parte integrante do universo de sentido que o texto procura impor.

A cena de enunciação compõe-se por três cenas de fala: cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante é aquela que corresponde ao estatuto pragmático do discurso, ao tipo de discurso, por exemplo, publicitário, administrativo, filosófico, etc. A cena genérica refere-se ao contexto específico exigido por determinado gênero de discurso. Por exemplo, num panfleto de campanha eleitoral, a

cena genérica é a de um candidato dirigindo-se aos seus eleitores. A cenografia é a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado, mas não é imposta pelo gênero do discurso, é construída pelo próprio texto.

A noção de cenografia defendida por Maingueneau vai além de um quadro estável no qual se desenrolaria a enunciação. Essa cenografia participa do processo.

A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra: ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena da qual vem a palavra é precisamente a cena requerida para enunciar nessa circunstância. (2006: 47)

### **Metodologia, análises de conteúdo e de discurso**

Para a análise de conteúdo do corpus foi utilizado um quadro referencial que mapeou a incidência de bairros visitados pelo programa, quais eram os problemas e as soluções apresentados e se houve chamada na “*escalada*” – jargão para manchetes do telejornal. Os resultados apresentados serviram para um diagnóstico do funcionamento e da articulação do quadro *SPTV Comunidade* e sua relação com o telejornal como um todo.

A análise de conteúdo apontou que dez bairros foram visitados pelo quadro *SPTV Comunidade* no período analisado ( três bairros são da Zona Leste da capital, dois da Zona Sul, um é da Zona Norte e quatro bairros estão localizados na região da Grande São Paulo. Em média, um bairro foi visitado pelo *SPTV Comunidade* a cada três edições do programa *SPTV 1ª. Edição*.

É importante também ressaltar que das trinta (30) edições do telejornal, houve a apresentação de quinze (15) quadros do *SPTV Comunidade*, uma média de um quadro a cada dois dias. A diferença entre o número de quadros e o número de bairros visitados explica-se pelo retorno da equipe aos mesmos bairros já apresentados (chamado de cobrança pelos apresentadores), o que aconteceu em cinco edições do quadro *SPTV Comunidade*.

A região da Grande São Paulo, que corresponde aos municípios vizinhos à Capital, teve grande presença em comparação aos que realmente compõem a cidade. Foram focalizados os municípios de Carapicuíba, São Bernardo do Campo, Guarulhos e Itapeverica da Serra. Isso mostra como o conceito de comunidade é bastante elástico.

Os bairros da capital do Estado de São Paulo mais visitados foram os da Zona Leste com três (3) participações: Jardim Têxtil, Itaim Paulista e Guaianazes. Em 2º. lugar vêm os bairros da Zona Sul, com duas citações: Parelheiros e Jardim Almeida Prado. A Vila Airosa foi o único bairro da Zona Norte da cidade a aparecer no quadro do SPTV Comunidade. Note-se que não houve nenhuma matéria sobre bairros da Zona Oeste. Talvez possamos inferir uma tendência de se considerar certas regiões como mais carentes que outras.

Dos dez bairros visitados, seis apresentaram queixas dos moradores relativas às obras de infra-estrutura da cidade de responsabilidade das sub-prefeituras. Os outros quatro problemas referiram-se aos serviços prestados por concessionárias de serviço público como a *Ilumine* (responsável pela iluminação pública) e a *Sabesp* (responsável pelo sistema hídrico). Em todos os quadros do *SPTV Comunidade*, somente um problema foi apresentado por bairro. Portanto, constata-se com base nos dados, que as pautas do quadro *SPTV Comunidade* apresentaram no período pesquisado reclamações de moradores relativos à iluminação pública, distribuição de água e transporte. Tais problemas referem-se quase que exclusivamente a questões de infraestrutura do dia-a-dia e à prestação de serviços que seriam responsabilidade do poder público. Questões relativas à educação, cultura ou identidade do bairro não foram destacadas no período. O direcionamento da pauta para problemas de infra-estrutura mostra uma certa desconsideração com outras facetas da vida do bairro.

A identificação visual dos bairros é feita no início do quadro *SPTV Comunidade*, quando é apresentada uma arte gráfica composta por um mapa que representa a cidade ou a região em que o bairro visitado está localizado. Essa é a única ferramenta utilizada para identificar visualmente o bairro e a comunidade mostrados.

Um dado importante a ser considerado: dos dez bairros visitados pelo *SPTV*, dois já foram citados no *Mapa da Exclusão/Inclusão Social*, desenvolvido em conjunto com a *Prefeitura Municipal de São Paulo* e com a *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, em 2000, sob a coordenação da professora e vereadora, Aldaíza Sposati<sup>5</sup>. No mapa, são apresentadas as regiões mais desenvolvidas e as que apresentam mais problemas de infra-estrutura, como escolas e saneamento básico. Os bairros do Itaim Paulista e de Guaianazes, mostrados no quadro *SPTV Comunidade*, foram mapeados

---

<sup>5</sup> Disponível em [http://www.dpi.inpe.br/geopro/exclusao/oficinas/metodologia\\_mapa.pdf](http://www.dpi.inpe.br/geopro/exclusao/oficinas/metodologia_mapa.pdf). Acesso em 23 nov. 2005.

como bairros onde a população vive em situação de exclusão, com aparelhos públicos precários para o atendimento de suas necessidades.

O histórico dos bairros visitados pelo quadro não é apresentado no programa. Não há como saber a história da região, a densidade populacional, se se trata de ocupação irregular de área pública ou protegida, área invadida ou se as construções e instalações estão regularizadas pelo sistema público. Também não existem informações sobre seus moradores, a memória da vida na região.

Para a análise do discurso, foram escolhidos pela autora alguns trechos das reportagens ou comentários dos apresentadores que pudessem destacar a relação do telejornal com seu público (telespectador), a dinâmica das reportagens de Márcio Canuto e a interação com a comunidade e os entrevistados e os discursos (lugares de fala) de cada um dos interlocutores do processo apresentado no quadro.

Cada trecho isolado para a análise foi acompanhado pela imagem congelada do momento da enunciação, para que fosse possível acompanhar o discurso verbal e imagético do foi transmitido ao telespectador. Abaixo, um exemplo de material selecionado para a análise de discurso:

#### Passagem do repórter Márcio Canuto

Discurso Verbal	Imagem
MC: <i>“Vamos tirar o pé da lama e aproveitar o carro do SPTV Comunidade para tentar a solução lá na Sub-Prefeitura”</i>	

Fig. 17 – Detalhe dos pés de Márcio Canuto e de moradores

A partir das análises de discurso foi possível detectar que o telejornal *SPTV* ganha vida e personalidade na fala do apresentador Chico Pinheiro. Expressões populares como “estar de olho”, são regularmente faladas pelo âncora, o que remete à idéia de que existe uma instância de ocultamento que não resistirá ao olhar vigilante do telejornal.

Em outro momento analisado, a enunciação ficou marcada pelo papel de autoridade do telejornal. A esfera da mediação foi substituída pela esfera da vigilância e do controle. O enunciado “*O SPTV está de olho*” poderia soar quase como uma ameaça a quem tentasse burlar a lei. Por outro lado, havia também a sinalização de que não existe a confiança na outra parte, uma vez que a vigilância é a garantia de que qualquer transgressão não passará despercebida e conseqüentemente, impune. Foi possível também perceber que os enunciados do âncora, Chico Pinheiro, são muitas vezes dirigidos ao telespectador. Essa situação fica bem marcada pelo enquadramento na tela, que destaca o apresentador do telejornal, que tem o olhar dirigido para a frente (direção da câmera de tv). É reiterada a promessa ao interlocutor, o telespectador do telejornal, de que ele não precisa se preocupar, pois o telejornal está no controle, mas também, por outro lado, que o próprio telespectador pode ser objeto do olhar vigilante do telejornal.

Essa parece ser a formação discursiva mais presente em torno do papel do telejornal: a de ser o “olho” que tudo vê e não deixa nada escapar ao seu olhar atento. E esse “olho” é o “olho televisivo”, e não o “olho do morador”.

A relação do repórter Márcio Canuto com seus interlocutores é paradigmática. Além de serem muito descontraídas, as reportagens não seguem o modelo de uma reportagem tradicional, em que as perguntas do repórter não entram na edição. Na reportagem de Canuto é mantida a simulação de um diálogo com seu interlocutor.

Em uma das análises da pesquisa foi possível perceber o tom coloquial, e ao mesmo tempo revelador, dos lugares de fala de cada um dos interlocutores da reportagem. Nesse exemplo, Canuto convida os moradores a “tirarem o pé da lama”, entrem na *van* do *SPTV Comunidade* e juntos irem à sub prefeitura, responsável pelo atendimento ao bairro visitado. A alusão feita pelo repórter ao dito popular “*tirar o pé da lama*”, possui um sentido pejorativo que é levado à instância de identidade do bairro, o que é complementado pela idéia de vantagem apresentada quando Márcio Canuto diz “... *aproveitar o carro do SPTV*”, como se a solução fosse sair daquele local o mais rápido possível.

Em outro trecho analisado, o repórter diz: “*quer dizer que a situação está feia, feia mesmo, mais feia que você*” dirigindo-se a um entrevistado, numa reportagem sobre o mau funcionamento do serviço de balsas, no bairro Riacho Grande, nos limites dos municípios de São Paulo e São Bernardo do Campo. Ao mencionar o “*quer dizer que...*”, o enunciador passa a responsabilidade sobre o enunciado para o seu interlocutor, como se dissesse: “*O que você quis dizer é que...*”. Como não aparece na

reportagem a situação que antecede a emissão desse enunciado, não há como o telespectador certificar-se da veracidade da declaração.

Ao mesmo tempo, utilizando –se esse mesmo exemplo, a expressão “*a situação está feia*” funciona como uma metáfora para se informar que a situação apresenta problemas que necessitam de soluções. Há uma ruptura na enunciação quando o repórter diz que a “*a situação está feia*”, uma vez que em reportagens convencionais os repórteres não emitem juízos de valor ou opinativos, e também uma segunda ruptura quando o repórter compara a “*feiúra*” da situação com a “*feiúra*” do entrevistado.

O entrevistado percebe essa ruptura, o tom irônico do enunciado e reage a ele, rindo. Responde à indagação, repetindo e completando o raciocínio do enunciador: “*É está mais feia que eu, e olha que para estar mais feia do que eu... (ri)*” . O entrevistado mantém o mesmo gênero da enunciação do repórter, apesar do lugar da fala de ambos ser distinto. Os dêiticos “*você*” e “*eu*” marcam os lugares da fala de cada um dos envolvidos, porém o discurso do repórter é referenciado sobre o interlocutor, apesar de lidar com uma observação da ordem da subjetividade (*beleza/feiúra*).

### **Em tempo de conclusão: alguns espaços e olhares**

Os anos 90 chegam com a segmentação dos canais de televisão trazidos com as tvs por assinatura. O fenômeno da globalização alcança diversos públicos, o consumo busca seus consumidores. A televisão aberta sente a concorrência e tenta diversificar sua programação. A certeza é de que, para manter-se combativa, terá que atender aos desejos de seu público, com mais proximidade.

Nessa tendência, a emissora hegemônica do país lança os jornais *Praça Tv*. No horário do meio dia e no início da tarde, as afiliadas poderiam inserir um noticiário local, antes dos telejornais de rede. A esse tipo de jornalismo foi dado o nome de *jornalismo comunitário*. O *SPTV 1ª. edição*, objeto desta pesquisa, é um exemplo dessa atuação.

O casal de apresentadores divide a bancada, introduzindo as reportagens sobre a cidade. Ocasionalmente, são convidados especialistas para esclarecer algum assunto de grande repercussão, ao vivo, direto do estúdio. O quadro *SPTV Comunidade*, apresentado pelo repórter Márcio Canuto, é o ponto alto do programa.

Márcio Canuto é um repórter diferente. Gesticula muito ao falar, veste-se com trajes esportivos e utiliza uma linguagem próxima à popular. É o personagem-chave da

atuação do quadro *SPTV Comunidade*. Ele interpreta ser uma pessoa do povo, acessível e simpático como um político em campanha. Abraça as donas de casa, chama os moradores pelo prenome e dá bronca, quando julga necessário.

O fato de haver um quadro, um espaço destacado dentro do telejornal, para falar somente sobre os assuntos da *comunidade* já quer dizer algo. Na verdade, a própria edição do programa faz a separação do que é notícia para todos, e o que é de interesse das comunidades. É como se a comunidade fosse um apêndice da sociedade, estivesse extra-cidade, exterior ao universo que é mostrado nas notícias tradicionais. Exemplo disso foi a reportagem sobre um buraco na Av. 9 de julho, região central da cidade, veiculado no *SPTV 1ª edição*. O buraco não foi pautado para o *SPTV Comunidade*, muito embora os moradores também aparecessem na matéria exigindo o conserto da avenida.

Já na abertura do quadro, a tônica da leitura a ser feita é fornecida aos telespectadores. O som da viatura policial, o recurso sonoro é uma ferramenta que significa. Quer dizer que há uma irregularidade, que o poder deve ir até lá reestabelecer a ordem: a van do *SPTV Comunidade* vai atender a uma ocorrência. Nada mais simbólico do que um veículo utilitário que chega nos bairros, como se fosse uma viatura policial.

Os apresentadores, ao final de cada quadro do *SPTV Comunidade*, convidam a população a participar, enviando *e-mails* ou cartas. Durante a exibição do quadro, em nenhum momento, essa possível fonte da informação é apresentada. Há um apagamento desse estágio anterior à gravação da reportagem. Tudo é apresentado como se a equipe do telejornal tivesse feito a apuração da notícia.

O espaço cênico, a cenografia de que Maingueneau fala, é dada com a presença dos moradores no local do problema. O repórter brinca, interage com seus interlocutores, mas quem tem o privilégio da palavra é ele. No bairro visitado, nada de sua história, dos líderes da comunidade, de sua vivência cultural ou de seus antigos moradores é mostrado. A reportagem destaca apenas a falta ou o dano. É o dano causado pelo desalinhamento dos postes, por uma balsa quebrada ou a falta de água que vai despertar a narrativa.

Os bairros mostrados não possuem uma identificação. Programa a programa são apresentados problemas que chegam a despersonalizar cada região. Onde fica Parelheiros? Pode ficar perto de algum outro bairro, noticiado em outra parte do



programa. No quadro *SPTV Comunidade* será uma rua com postes desalinhados ou sem iluminação pública. Ele será o que for mostrado sobre ele.

Os moradores entendem a construção da realidade mediada pela televisão e participam, encenando os papéis determinados. Andam por passarelas quebradas, seguram troncos de madeira pesados, tudo para fazerem parte da cenografia, para terem visibilidade.

O repórter Márcio Canuto atua como um agente do espetáculo. É ele quem permite quem deve falar e como deve falar, atribui o direito de fala, conforme conceitua Foucault. O ritual de circunstância também funciona para que o cenário seja adequado. Os moradores sabem que estão sendo gravados, preparam-se para ser gravados e se comportam como se aquele momento fosse casual. No espetáculo televisivo, é preciso saber representar-se a si mesmo.

Em meio a todos os acontecimentos de uma grande cidade, o jornalismo hierarquiza e escolhe o que será noticiado. Ele tenta organizar o mundo, ordenar, estabelecer critérios para o que terá prioridade, num tempo que se imagina ditado pelo real e a instância da verdade. Essa ordenação torna-se visível na forma como as comunidades são mostradas no programa.

Para Charaudeau (2006: 116), o grupo precisa produzir seus próprios discursos e compartilhá-los:

Um grupo social, para reconhecer-se como tal, precisa regular suas trocas segundo regras de classificação dos objetos, das ações e das normas de julgamento. É preciso então que o grupo aja, mas também que julgue seus próprios comportamentos, que produza discursos de avaliação e que, fazendo circular estes últimos, faça compartilhar tais representações.

No *SPTV Comunidade*, a comunidade não fala por si mesma. Toda articulação de seu discurso se dá pela mediação do repórter Márcio Canuto. De certa forma, os moradores só aparecem para atestar a declaração já dita pelo repórter. São figurantes que encenam a si mesmos para dar visibilidade a seus problemas. No entanto, essa instância do visível dada pela televisão é controlada, o que torna os membros das comunidades assujeitados à ordem pré-estabelecida.

No jornalismo comunitário, os produtores da informação são membros da comunidade. O jornalista profissional pode organizar a equipe e a informação, mas a decisão é da comunidade. O tipo de jornalismo praticado no *SPTV 1ª. Edição* não

permite a participação ativa da comunidade, uma vez que nem o bairro, sua história, sua tradição, organizações sociais ou lideranças são mostradas.

A comunidade mostrada pelo programa é organizada pela instância da visibilidade e pelo dano. De um lado, os moradores têm algum problema para ser solucionado (o dano), por outro lado, a tv funciona como um amplificador desse dano, o que chama a atenção dos responsáveis pela solução dos problemas. Não é uma organização social que se dirige diretamente aos órgãos públicos. A mediação é dada pela tv, que se coloca como vigilante e ao mesmo tempo, como provedora.

A comunidade mostrada no telejornal não é vista como uma entidade orgânica e organizada. Somente alguns têm direito à fala e mesmo essa fala pode ser editada, antes de tornar-se pública. Os líderes da comunidade não são legitimados pelo poder da televisão. Cada morador pode ter acesso à palavra, desde que se insira no espaço de cena e na encenação exigida. Há uma individualização do discurso, como se os moradores não participassem de um todo.

Kehl (2004:158) salienta que na sociedade do espetáculo, o mecanismo que garante ao sujeito a visibilidade necessária para que ele exista socialmente já não é o da identificação, e sim o da produção de identidade, de uma imagem de si mesmo:

Se a publicidade, a telenovela, o jornalismo/espetáculo e o cinema de massas dirigem-se permanentemente a um sujeito que deve ser “todo mundo” e não é particularmente ninguém; se a imagem capaz de convocar a multidão de homens genéricos é a imagem mais abrangente, elevado à condição de experiência subjetiva para os sujeitos da sociedade do espetáculo, se, finalmente, a eficácia dessa experiência depende do apagamento de todas as outras dimensões da vida que não caibam no puro tempo presente do acontecimento como aparecimento; então, só a imagem do corpo próprio – tornado o mais parecido possível com um corpo Outro, sem história, sem sofrimento e sem falhas – pode servir de suporte para a construção de uma ilusão de identidade para os sujeitos da sociedade do espetáculo. (...) Assim como o apagamento absoluto das diferenças: quando o sujeito supõe dominar a imagem que o Outro espera dele, ele o supõe desde seu fantasma e, nesse ponto, não pode escapar da singularidade.

Por sua vez, o bairro é mostrado no programa somente como um espaço de cena, como indicativo do local sobre o qual se dirá o discurso do repórter. Isso se comprova pelo fato de somente aparecer no quadro um mapa com a localização do bairro. Seguindo esse raciocínio, todos os bairros mostrados seguem a mesma estética, a ponto de se desindividualizarem e tornarem-se homogêneos, são espécies de “não-



lugares” de Marc Augé, como os aeroportos internacionais, espaços impessoais onde as pessoas trafegam sem raízes, sem qualquer interação com o espaço. Esse não lugar é o oposto da vida em comunidade, em que o espaço faz parte da história de seus moradores.

Nesse sentido, fica patente que o quadro *SPTV Comunidade* insere-se numa produção televisiva em que os interlocutores são mediados pela televisão. A instância do “ser” é substituída pela instância do “ser visto de certa maneira” e funciona como um mecanismo de controle e de ordenação social. O olho vigilante do telejornal escolhe objetos e a forma como aparecerão. O olhar do telejornal parece tudo ver e se encarrega de pedir e cobrar. Ser uma comunidade no espaço dado pela televisão é articular os danos e buscar proteção. A televisão é quem determina os lugares dos sujeitos e agentes sociais, o que não seria aceitável numa sociedade que privilegiasse a cidadania.

### **Referências bibliográficas**

- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BRANDÃO, Helena H. N. *Subjetividade, argumentação, polifonia a propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.
- CHARADEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CURRAN, J.; SEATON, J. *Power without responsibility: the press and broadcasting in Britain*. London, New York: Routledge, 1988.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- KEHL, Maria Rita. Visibilidade e espetáculo. In: BUCCI, Eugênio e KEHL, Maria Rita. *Videologias: ensaio sobre a televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- SILVA, Edna de Mello. *Telejornalismo e comunidade: o bairro como espaço de cena e o olhar vigilante no telejornal SPTV 1ª. Edição*. Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob a orientação de BUITONI, Dulcília H. S., 2007, 139 p.